

## SUBVERSÕES 2\*

### E-LEARNING - A IMAGEM DO PROFESSOR

Em sistemas ditos de *e-learning*, em que a experiência de utilização de metodologias de ensino a distância pode ser (e frequentemente é) relativamente recente, observam-se alguns tipos de entorses àquilo que se tornou, através da prática de muitos anos, em sistemas dedicados (*single mode*) de educação a distância, um conjunto das chamadas boas práticas.

Uma dessas subversões refere-se a um significativo tempo de presença (virtual embora) do professor nos materiais de aprendizagem que incluem trechos de imagens animadas, como acontece nos videogramas e nas inserções deste tipo em *courseware* informático, fixado em documento (disquete ou *CD-ROM*) ou em página *online*.

A este propósito, convirá fazer uma curta digressão por duas aproximações distintas, tipicamente utilizadas na Europa e nos Estados Unidos, quanto à natureza e concepção dos materiais de aprendizagem mediatizados.

#### 1. DOIS CONCEITOS DE MATERIAIS DE APRENDIZAGEM

O nascimento das grandes instituições de aprendizagem a distância, a nível do ensino superior e utilizando meios de comunicação de massas, teve início na Europa, com a fundação da Open University britânica em 1969, da UNED espanhola em 1971 e da FernUniversität alemã em 1972. Tanto estas últimas como as mais tardias, a Open Universiteit holandesa e a Universidade Aberta portuguesa, foram influenciadas pela estratégia pedagógica iniciada pela Open University, quanto à adopção dos princípios seguintes:

- A aprendizagem a distância é um processo específico de auto-aprendizagem que não contempla, nem a presença regular dos estudantes em aula, nem a concomitante presença de um professor, nem a sujeição a momentos fixos, a locais rígidos e a ritmos de trabalho pré-estabelecidos.

---

\* Segunda intervenção de A. Rocha Trindade na semana de conferências e seminários intitulada *Plataformas de e-learning*, organizada pela Universidade Aberta e aí realizada, de 18 a 22 de Junho de 2001. (N.E.)

- Baseia-se, isso sim, nas disponibilidade de materiais de aprendizagem de qualidade, destinados a facilitar a auto-aprendizagem.
- Na pior – mas mais frequente – das hipóteses, existirá um distanciamento do estudante em relação a professores e a colegas de estudo e ele poderá encontrar-se efectivamente em situação de isolamento.

Nestas circunstâncias, as universidades abertas são explicitamente definidas como instituições *diferentes* das universidades presenciais, bem com o são os respectivos regimes de aprendizagem, devendo os estudantes bem estar cientes dessas diferenças, sob risco de criarem falsas expectativas e de comprometerem o seu sucesso académico.

Nesta perspectiva, o estudante é sensibilizado para o facto de que não deve pedir à instituição aquilo que ela não foi projectada para poder dar-lhe: a convivência estudantil, o contacto ao vivo com professores, a comodidade de estar sentado numa aula a abeberar novas informações e a apreender novas ideias e conceitos. Tudo isto é substituído por um conjunto de recursos didácticos, desejavelmente de alta qualidade, constando de livros especialmente preparados para a auto-aprendizagem, bem como de materiais mediatizados sob a forma de emissões de rádio e de televisão, de audio e videocassetes, de materiais interactivos em documento fixo ou de materiais *online*. A função de todos estes materiais é a de complementar o discurso escrito, proporcionando outras formas de percepção e de posicionamento pedagógico activo, consoante a natureza disciplinar de cada matéria.

A situação é geneticamente diferente na América do Norte, onde o ensino por correspondência tinha uma longa tradição e onde a mediatização das aulas presenciais era correntemente praticada, mesmo antes do advento das universidades abertas na Europa. Verdade seja que tipicamente tais métodos não eram correntemente aplicados em contexto de ensino superior, antes em situações de educação informal: cursos de formação técnica, educação de adultos, sensibilização comunitária e outros do mesmo cariz, o que não conduzia a priorizar a qualidade do ensino ou o rigor da avaliação.

Dados os percursos e tradições dissemelhantes, a introdução de métodos de ensino a distância a nível universitário no outro lado do Atlântico seguiu uma orientação diferente da europeia, constante no propósito de simular, tanto quanto possível, a situação do estudante *on campus*: as inscrições eram feitas em universidades presenciais e os livros eram os mesmos que os adoptados nos respectivos cursos. Para colmatar a impossibilidade de os estudantes frequentarem as aulas, eram estas registadas em video e distribuídas por via satélite para os alunos que frequentavam a instituição em regime de ensino a distância.

Este modelo foi a chave do sucesso da operação da maior das organizações dedicadas a estes propósitos, a National Technological University, cujos acordos celebrados com grande número de prestigiadas universidades americanas responderam pelas inscrições de centenas de milhar de alunos nesse regime.

Como é óbvio, a NTU não era uma instituição de ensino a distância mas tão só um fornecedor de serviços de telecomunicações. A taxa de sucesso desses estudantes não é conhecida, já que, para todos os efeitos práticos, eles apareciam mesclados com os estudantes presenciais das respectivas universidades.

Julgamos que foi esta prática, a de procurar anular a distância entre o estudante e a aula através das telecomunicações, que determinou a evolução subsequente dos sistemas de ensino a distância nos Estados Unidos e que conheceu um novo impulso com o conceito de "*sala de aula remota*" proporcionado pela adopção intensiva da tecnologia de videoconferência.

Em síntese, na cultura universitária dos Estados Unidos, o conceito de ensino a distância procurou mimetizar todas as condições de aprendizagem do regime presencial o que, do ponto de vista europeu, é não só um problema insolúvel como conceptualmente errado.

Apenas como exemplo, imagine-se o calvário de um estudante que procurasse acompanhar o ritmo da leccionação presencial de um dado curso: estaria três a quatro horas por dia a olhar para um ecrã de televisão que lhe não oferece outra coisa que a imagem única de um professor perorando em frente dos seus alunos. Basta considerar o pequeno ângulo sob o qual esse espectador vê o ecrã e o efeito distractor de todos os possíveis movimentos e ruídos domésticos que o cercam inevitavelmente, para avaliar a dimensão desse suplício, que durará todo um ano lectivo, repetido por três ou mais anos...

No tocante ao assunto que aqui é tratado, existe uma mudança substancial nas posições americana e europeia quanto à natureza dos materiais de aprendizagem: são *não específicos* para ensino a distância nos Estados Unidos e *especialmente concebidos para este regime* na Europa.

Há, como é óbvio, importantes consequências destas duas posições no plano económico. A concepção, produção, edição e distribuição de materiais didácticos específicos para auto-aprendizagem constitui um investimento caro, tanto no tocante a livros como a outros materiais mediatizados; pelo contrário, o registo de som e imagem de uma aula

presencial e a sua distribuição via satélite tem custos incomparavelmente menores — e não tem custos para a instituição a adoção de um livro científico editado por outrem e já disponível no mercado.

Não nos deteremos mais sobre os aspectos de qualidade e eficácia pedagógica de uma e de outra concepção.

## 2. A PRESENÇA VIRTUAL DO PROFESSOR

Para quem tenha a responsabilidade de conceber documentos didáticos em discurso vídeo existem duas tentações típicas, distintas mas ambas perigosas. À primeira chamaremos a inveja do Herman José; à segunda, a síndrome do Jean-Jacques Cousteau.

Não abordaremos o segundo caso, que corresponde a sobreestimar, tanto os recursos disponíveis para a produção deste tipo de documentos didáticos como a vocação comercial do respectivo produtor; bem como a subestimar os respectivos custos de produção.

Quanto ao primeiro caso, ele concerne aqueles autores que consideram serem eles próprios aqueles que, melhor do que ninguém, devem ser e aparecer como os protagonistas de um dado documento em discurso vídeo. Desejam assumir, simultaneamente, os papéis de especialista de conteúdo, de locutor, de animador, de comunicador carismático e de responsável último por tudo aquilo que acontece naquele programa.

Acontece que é extremamente raro que existam pessoas suficientemente competentes para todos esses desempenhos: nem sempre a autoridade científica está associada ao acúmen pedagógico, à capacidade de comunicação e ao carisma mediático. Por outro lado, poucas vezes existe real valor acrescentado na mediatização do discurso de um professor em aula, que se arrisca, quanto transcrito como discurso vídeo, a apresentar-se como monótono e aborrecido, sobretudo se duplicar os conteúdos que já aparecem sob a forma de livro. Pelo contrário, o documento vídeo procura ser tão só a ilustração e a vivificação daqueles conteúdos; para tal se procura manter aceso o interesse do espectador através de uma linguagem visual variada e dinâmica, com uma sucessão de imagens e uma articulação com sons que só de quando em quando devem assumir a forma de um comentário científico e, mesmo assim, com a presença do locutor reduzida ao mínimo.

Em Portugal existe uma longa experiência de concepção e produção de documentos educativos em discurso vídeo, conquistada arduamente durante todos os anos de

funcionamento da Telescola e, depois disso, do Ano Propedêutico Nos primeiros desses documentos, toda a imagem de cada programa estava centrada sobre a visão única do busto do professor, lendo o texto prefabricado da sua aula; mas, ao menos, havia o bom senso de reduzir cada programa a 20 minutos de duração. Nos mais recentes, porém, a presença do professor aparece quase como accidental, sendo priorizada a apresentação de imagens que não poderiam, comodamente, estar incluídas nos documentos escritos.

Acontece que, se estas lições foram sendo aprendidas ao longo de muitos anos de experiência das universidades abertas, elas passaram ao lado da consciência dos jovens operadores de *e-learning*: um percurso superficial por variados hipermedia destinados a educação e a formação, bem como por cursos on line e numerosíssimos dos seus materiais didáticos faz inevitavelmente aparecer a imagem do "experto", perorando longamente, até à saciedade...

Claro está que é muito mais cómodo e muito mais barato reduzir a produção de documentos vídeo à gravação de um monólogo, diálogo ou discussão de mesa redonda, em ambiente de estúdio, sendo incomparavelmente mais caras, não só a recolha de imagens em exterior, como ainda as necessárias acções de montagem, sonoplastia e acabamento da produção. Mas, para quem queira operar um sistema de ensino a distância com o espírito de poupança do merceiro de bairro, mais vale mudar de profissão...